

VENHAM ESSES OSSOS!



/ JORGE CALADO

Sou um tipo com sorte. Acabo de receber um livro precioso onde se confrontam 39 imagens fotográficas de Paulo Gaspar Ferreira com 36 poemas animais de 20 poetas portugueses, selecionados por Isaque Ferreira, tudo envolvido numa paisagem sonora de Brendan Hemsworth. Por trás deste objeto de eleição está o projeto de investigação em arqueogenética da curadora Catarina Ginja. O tema: ossos. Inspirada pelas coleções históricas do Museu Geológico de Lisboa e do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Sintra), a investigadora do Centro de Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO) coordenou este

projeto multidisciplinar sobre os vestígios arqueológicos (ossos) de animais domésticos e dos seus antepassados selvagens (lobo, javali, auroque). A partir de um osso pode contar-se uma história e reconstituir um animal. Para quem se alimenta das relações das artes com as ciências, não podia haver melhor pitéu. Gosto de ossos. Gosto de costeletas e entrecosto e de escarafunchar a cabeça de pescada. Em miúdo colecionava ossos de formas extravagantes, como a fúrcula bifurcada ou fisga das aves (resultante da fusão de duas clavículas para melhor aguentarem o voo), também chamada 'osso da sorte' (*wishbone*, em inglês). Porquê? Duas pessoas seguram o osso com o dedo mindinho e puxam, cada uma para seu lado, com o fim de separar as duas partes; quem ficar com a junção (segmento maior) ganha a aposta e/ou verá o seu desejo satisfeito. Na história da fotografia portuguesa figura a imagem de um esfenoide (o osso da base do crânio com a forma de uma borboleta ou morcego de asas abertas) que Gérard Castello-Lopes fotografou em 1991 como contraponto a um poema de Vasco Graça Moura. Em Londres convivo com o crânio de um bisonte pendurado na parede (em homenagem a Georgia O'Keeffe). Também não esqueço o início tremendo do "2001 Odisseia no Espaço" (1968), de Stanley Kubrick, com um grupo de homínídeos descobrindo que um osso pode ser uma arma de arremesso. Um esqueleto é uma lição de mecânica (como Leonardo da Vinci provou e tornou a provar). A grande parte dos ossos incluídos neste livro remonta a escavações feitas entre 1850-1950. Há crânios, maxilares, mandíbulas, tíbias, úmeros, falanges, metacarpos, metápodos, costelas, vértebras, escápulas, chifre e dentes, magnificamente fotografados por Paulo Ferreira. A curadora aponta a importância dos três metacarpos de bovino escavados na Mouraria de Lisboa (séculos XIV-XV), e as três falanges de cavalo oriundas do Calcolítico, achadas na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). Eu, que amo os cães, fiquei preso ao crânio do cão doméstico (Mesolítico) do Cabeço da Arruda, tanto mais que vem emparelhado com o cão que esbarga "o osso/ essencial do dia a dia", o "cão-soneto de ão-ão bem martelado", que no fim sai depressa do poema de Alexandre O'Neill. Como objeto, o livro de Ginja, Ferreira *et al.* também é uma obra-prima de bom gosto e elevadíssima qualidade. (Atenção à In-Libris!) Papel negro como o breu, impressão primorosa, extratextos assinados pelo autor, paisagem de sons criada com ossos, acessível através de leitura ótica (QR code) da contracapa. Como nas capelas dos ditos, estes ossos esperam pelos nossos. Atrevo-me a dizer que temos aqui um sério candidato ao troféu do mais belo livro jamais editado em Portugal! Venham de lá (do Porto) "Esses Ossos"!!! ●

ESSES OSSOS

De Catarina Ginja, Paulo Gaspar Ferreira, Isaque Ferreira e Brendan Hemsworth

In-Libris, 2017, 98 págs., €28